



**ANTÔNIO CORREIA DE OLIVEIRA**

# ***A morte*** **do grande poeta** **da singeleza** ***e da crença***

Um grande poeta, ao cabo de uma longa e harmoniosa existência, fechou os olhos para sempre no cenário da sua vida quotidiana, da sua contemplação, do seu comovido lirismo. Antônio Correia de Oliveira morreu ontem na sua velha casa de Belinho, ao clarea-

---

# A morte do poeta António Correia de Oliveira

(Continuação da 1.ª página)

rem os primeiros presságios da Primavera nos campos amenos de Espozende. Ali, onde tão recentemente ainda uma homenagem nacional mais uma vez celebrara o

seu nome ilustre, ele se despediu á noite das frondes e da sombra dessa mesma natureza de que o seu espiritualismo cristão se alimentou.

Filho do deputado dr. José Correia de Oliveira e da sr.ª D. Joaquina Augusta de Figueiredo de Almeida Correia, nasceu em 1879 em São Pedro do Sul esse que viria a ser para muitos o mais natural, o menos artificioso, o mais suave e puro dos poetas do seu tempo.

Órfão de pai aos doze anos, ingressou no Seminário de Viseu, mas, sentindo que não possuía vocação para sacerdote, regressou á sua terra, com a bagagem de humanidades que ali conquistara. Não seria imenso o peso do seu saber, mas o poeta, que já o era, haveria de completar por si próprio o edificio de uma cultura de que deu sobejas e exemplares demonstrações.

Sobre a sua formação e feitio espiritual escreveu Maria Amália Vaz de Carvalho estas palavras significativas: «António Correia de Oliveira nunca aprendeu nada; não lhe magoaram o espírito, não lhe asfixiaram a imaginação, não lhe manietaram a independência, nem sistemas pedagógicos, nem mestres nem professores, nem lentes. Tem ele muita pena disto. Eu tenho muito prazer em que assim succedesse». O que Maria Amália Vaz de Carvalho desse modo reconhecia e valorizava em António Correia de Oliveira eram a singeleza, a espontaneidade profunda, a natural maneira de ser tão-somente ele próprio que o haviam de singularizar entre os funambulismos da inteligência e os truques espectaculosos de muitos dos seus pares.

Em Lisboa fez Correia de Oliveira as suas armas no jornalismo, integrado na redacção do «Diário Ilustrado», onde aliás não criou raízes. Colocado depois como amanuense na Procuradoria Geral da Coroa, por António Candido, que lhe admirava o estro, já então revelado, também daí o poeta não tardou muito a sair, despedido «por medida económica». Entretanto no terreno da fama sem proventos, o seu nome caminhava com firmeza para a glória. Várias das suas obras, algumas das quais hoje se encontram vertidas para alemão, italiano e sueco, tinham já sido dadas á estampa («Ladainha», em 1897; «Eirados» no ano seguinte; «Auto do fim do dia» em 1900; «Alívio dos Tristes», em 1901; «Cantigas» e «Rimance do Berço», em 1902; «Raiz», em 1903; «Ara», em 1904; «Parábolas», em 1905; «Tentação de São Frei Gil», em 1907).

Em 1908 foi António Correia de Oliveira eleito sócio da Academia das Ciências. Henrique Lopes de Mendonça fez então o seu elogio numa sessão memorável. Um ano depois, era eleito sócio da Academia Brasileira de Letras o autor de «O Pinheiro exilado», do «Elogio dos Sentidos», obras em que então a sua nobre sensorialidade esposava, sem qualquer esforço, os rumos do limpido misticismo cristão em que o poeta havia de prosseguir, cada vez mais e mais inebriado com a sua própria fé, com a maravilha de existir. Assim ele sentia a vida e a amava em cada um dos seus versos.

Casou em 1912, com a sr.ª D. Maria Adelaide da Cunha Sotomaior de Abreu Gouveia e fixou então residência na Quinta de Belinho, em Espozende, onde a sua existência a partir dessa data decorreu, patriarcal, no culto da beleza, do bem e da natureza-alma que para ele resumia todas as forças de renovação e redenção e a imagem benfazeja de um Deus clemente.

A sua obra cresceu assim, na paz dos virentes bosques e dos lenes prados minhotos, como água cristalina jorrando de uma fonte. E vieram, após «Alma Religiosa» e «Cravos», «Romarias» (1912); «A criação — Vida e história da árvore», «A alma da árvore» (1913); «Os teus sonetos» (1914).

O amor conjugal, o nascimento de um filho, as imagens do trabalho campestre, as figuras de um povo idealizado, visto menos nas suas angustias dramáticas do que nas suas horas de paz e de alegria — foram, entre outros, da mesma sorte, os motivos que continuaram a afervorar a inspiração do candido poeta, em livros belos e chãos como «Menino», «A minha terra», «Caminhos», «Auto do Ano Novo» (pois á tradição, foi ele buscar não só lições de vida como formas de arte), «A Lareira», «Vida do Lavrador», «Daquém e dalém Ondas», «Do meu quintal», «Os Namorados», «Auto de Junho», «Um lenço de cantigas», «Cartas ao vento», «Estas mal notadas regras», «Na hora incerta ou a nossa Pátria», «E' Portugal que vos fala», «Viriato Lusitano», «Auto do Ber-

ço», «O Santo Condestável», «Nau Catrineta», «Terra do Paraíso», «Os Sinos do Cativoiro», «A fala que Deus nos deu».

O sentido da história concebida através da ortodoxia católica e de uma patente veneração pelos valores tradicionais, anima ainda essa obra monumental e dá-lhe por vezes um carácter de ensinamento, do qual se pode certamente discordar, mas a que não se pode recusar a admiração devida ao fundo de lealdade e amor pelos homens que era o do poeta do Belinho.

Em 1937, António Correia de Oliveira visitou o Brasil, onde foi acolhido com solenes e exuberantes provas de um afecto que bem demonstrava a admiração ali provocada pela sua obra. Olegário Mariano, discursando na Academia Brasileira, na sessão ali efectuada em honra do poeta português, teceu-lhe os mais altos louvores, ressaltando a verdade da sua poesia, espelho da vida qual o destino a fez.

De entre a vasta obra de António Correia de Oliveira, citamos ainda «Pão nosso, alegre vinho, azeite da candeia», «Verbo ser e verbo amar», «Teresinha» (milagre em cinco quadros), «Cartas em verso», «Job», «Pátria Nostra», «Roteiro da Gente Moça», «Pátria Nossa, Pátria Vossa» (saudação ao Brasil), «História Pequena de Portugal».

O poeta, que completara este Verão 81 anos, deixa dois filhos: os srs. dr. José Gançalo de Sotomaior Correia de Oliveira, secretário de Estado do Comércio, e dr. António da Cunha Sotomaior de Abreu Gouveia Correia de Oliveira, casado com a sr.ª D. Maria Teresa da Costa e Silva de Carvalho Correia de Oliveira.

Era irmão do dramaturgo dr. João Correia de Oliveira casado com a sr.ª D. Maria Candida de Sotomaior Correia de Oliveira; e avô dos meninos António Nuno, Maria Adelaide, Rui Manuel e Maria Teresa de Carvalho Correia de Oliveira.

## A agonia do poeta

ESPOSENDE, 20. — (Pelo telefone) — Os ultimos momentos do grande poeta, que há dois dias, já quase cego, se encontrava em coma, devido a uma trombose cerebral, tiveram o conforto da família e dos amigos, que carinhosamente o acompanharam nesse derradeiro transe. Além dos filhos, sempre a seu lado, ali estiveram, emocionados, o sr. subsecretário do Comércio, dr. Dias Rosas; o governador civil de Braga, dr. António Abranches; o presidente da Camara de Espozende, António da Costa Leme; os engs. Albano Homem de Melo e António Lacerda; os srs. dr. Henrique de Carvalho e Costa e Jorge Sequeira; o pintor Henrique Medina, o deputado Benjamin Salgado e outras personalidades das relações de António Correia de Oliveira, além do pároco da freguesia e do médico assistente.

Após o falecimento, que se deu pouco depois da meia-noite, chegaram á Quinta do Belinho, de madrugada, diversos telegramas de altas personalidades, quer políticas, quer eclesásticas ou das letras portuguesas, entre elas o dr. Julio Dantas.

Também muitas pessoas humildes ali foram levar a expressão da sua dor e o preito sincero da sua admiração por esse homem caritativo e honrado que era para todos o poeta de Belinho.

O funeral efectua-se amanhã, ás 15 horas, após a traladação do corpo da camara ardente de Belinho para a igreja das Antas. Aí serão celebrados os officios fúnebres, seguindo depois os restos mortais de António Correia de Oliveira para a capela do solar onde já repousam os ossos de sua esposa.

## Escritores do Norte pedem honras nacionais para o poeta falecido

Foi enviado um telegrama ao Governo firmado por um grupo de escritores do Norte, pedindo funerais nacionais para o poeta António Correia de Oliveira. O texto dessa mensagem é o seguinte:

«Fieis intérpretes sentimento escritores portugueses do Norte do País, respetosamente solicitamos que sejam decretadas honras nacionais grande poeta da raça António Correia de Oliveira, e oportuna trasladação seu corpo para o panteão nacional. Respeitosos cumprimentos, Alberto Pinheiro Torres, Conde de Aurora, António Cruz, António Teixeira Pinto, Pedro Homem de Melo».